

## UM GRITO DE ANGÚSTIA: A ANÁLISE TEOLÓGICA DO SALMO 22.1

Miguel Olímpio Nicolau Filho<sup>37</sup>

### RESUMO

O trabalho em questão apresenta uma análise teológica do versículo 1 do Salmo 22, dentro do contexto canônico, com ênfase no grito de angústia do salmista diante da aflição da sua alma. De autoria atribuída a Davi, o salmista no Salmo 22 expõe, nesse primeiro versículo, a aflição da sua alma diante do seu Deus que aparentemente o havia abandonado e o deixado a própria sorte. De maneira semelhante, o Senhor Jesus, no Gólgota, cita as mesmas palavras diante da dor da crucificação e da sua iminente morte. Na sua escrita o salmista relata as mesmas palavras que, cerca de 1000 depois, seriam pronunciadas pelo próprio Deus encarnado – Jesus Cristo – conforme citado nos Evangelhos por Mateus 27.46 e Marcos 15.34, durante o sofrimento da crucificação. O presente artigo expõe uma análise teológica do versículo 1 do Salmo 22, que diz na sua primeira parte: *“Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste? Por que se acham longe de minha salvação as palavras do meu gemido?”* Por meio dessas palavras o salmista expressa um grito de angústia, resultado de uma tétrica aflição. Dentro desse contexto se apresenta as supostas causas do clamor do salmista, bem como a sua relação com a exclamação de Jesus crucificado no Gólgota e a conexão com as angústias e aflições suportadas pelo homem ao longo dos séculos. Através do método existencialista<sup>38</sup> e da pesquisa bibliográfica, foi explorado o texto bíblico em questão.

**Palavras-chave:** Aflição; Angústia; Desamparo; Clamor; Contexto Canônico.

### INTRODUÇÃO

O artigo em questão se referirá a uma análise teológica, dentro de um contexto canônico, do Salmo 22, versículo 1a. em que o Salmista, que de acordo com a tradição é atribuído a Davi, relata as seguintes palavras: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” Busca-se compreender qual o papel desempenhado pelo texto em questão no restante das Escrituras que traduz um grito de angústia do salmista e quais suas relações com textos neotestamentários que expressam as mesmas palavras citadas pelo Cristo crucificado?

Diante da estreita e notória relação entre a escrita veterotestamentário (Sl 22.1) e o relato da crucificação de Jesus descrita por Mateus e Marcos, em que Jesus cita

---

<sup>1</sup> Mestrando em Teologia pela FABAPAR. Especialista em Teologia e Educação. Bacharel em Teologia e Licenciado em Ciências Biológicas. Pastor do Centro de Educação Alameda, da Igreja Batista Alameda – Curitiba/PR. ORCID: 0009-0003-6704-8519. E-mail: [mignicolau@gmail.com](mailto:mignicolau@gmail.com)

<sup>38</sup> Segundo Gorman (2017, p. 271), o objetivo do método existencialista é discernir o significado contemporâneo do texto usando abordagens sincrônicas e diacrônicas envolvidas com contextos, teorias e métodos adicionais.

a frase “*Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?*” espera-se colocar tais textos em diálogo, compreender o tanto grito de angústia e aflição de Davi quanto o de Jesus. Seja no ano 1000 A.E.C, seja no ano 30 ou em pleno século XXI, crê-se ser possível encontrar uma aplicação contemporânea, buscando compreender o clamor que pode retratar o desamparo sentido por aqueles que passam por aflições nos dias atuais.

O texto em pauta, “*Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?*” (Sl 22.1a), a parte do contexto histórico e literário, sem obviamente ignorá-los, apresenta um clamor de angústia, que não coincidentemente é o mesmo expressado tanto pelo salmista quanto por Jesus (Mt 27.46; Mc 15.34). Tal relato duplamente proferido, tanto por Davi como por Jesus, seja no contexto imediato ou amplo, demonstra a complementaridade dos textos e uma possível aplicação prática na conjuntura do sofrimento humano.

No que diz respeito ao contexto canônico, algumas perguntas precisam ser feitas a fim de se obter uma melhor compreensão do papel do texto bíblico no contexto das Escrituras. Uma dessas perguntas, de acordo com Gorman é “Que papel esse texto e/ou temas primários e personagens desempenham no restante das Escrituras (2017, p.99). Ainda, segundo Gorman, “Qual é, especificamente, a relação entre esse e outros textos (2017, p.99). Assim dizendo, associar uma declaração tão impactante e profunda proferida por duas pessoas de quilate tão elevado e com um lapso de tempo tão significativo (cerca de 1000 anos) se torna fundamental na intelecção do versículo estudado.

Dessa forma, a observação do contexto canônico apresenta-se como uma ferramenta importante na análise da Bíblia como um todo, aproximando o leitor do texto e apontando possíveis aplicações ao longo das análises, sejam do texto inserido no Antigo Testamento ou no Novo Testamento. O fato é que ao colocar os textos em diálogo, diversas aplicações práticas, independente do abismo temporal existente, surgem ao leitor da Bíblia.

A partir da análise do contexto canônico do texto em questão, parte-se para uma análise teológica da exclamação “*Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste? Por que se acham longe de minha salvação as palavras de meu gemido?*” (Sl 22.1). Ao confrontar o texto acima e as idênticas palavras de Jesus na cruz registradas no Evangelho de Mateus 27.46 e Marcos 15.34 “*Deus meu, Deus*

*meu, por que me desamparaste*" torna-se indissociável o clamor angustiado de Davi e as aflições do Cristo crucificado.

Angústia, aflição e sofrimento são sentimentos que se misturam em meio a leitura do Salmo 22.1. No que diz respeito ao grito de angústia comum a nós, a Davi e a Jesus, Calvino afirma que:

Não existe um sequer dentre todos os santos que não experimente em seu ser, um dia ou outro, a mesma coisa. Segundo os juízos da carne, Davi imaginava que havia sido ignorado e abandonado por Deus, enquanto que, pela fé, apreende a graça de Deus, a qual se acha oculta aos olhos dos sentidos e da razão (2012, p.423).

Dessa forma, a partir da análise teológica, privilegiando o contexto canônico no que diz respeito ao versículo 1 do Salmo 22, propõem-se desenvolver esse diálogo entre as citações referidas a Davi (Salmo 22.1) e as declarações idênticas (v.1a) atribuídas a Jesus. Assim sendo, oferece-se ainda uma harmonização com a questão do sofrimento humano, que atingiu o salmista, o Cristo e alcança cada um dos seres humanos.

## 1. CONTEXTO CANÔNICO

Entende-se por contexto canônico a análise do Cânon como um todo, ou seja, expandindo o exame do texto em pauta a partir da Bíblia. Segundo Gorman, "os escritos bíblicos contêm palavras significativas, formas gramaticais e construções sintáticas, algumas das quais podem ser obscuras (2017, p.266). A fim de se obter uma melhor compreensão do texto bíblico, ao se analisar o contexto canônico de uma perícope, algumas perguntas precisam ser feitas ao texto visando o melhor entendimento e correlação com o restante das Escrituras. Quanto ao contexto canônico e seus princípios, é necessário enxergar a perícope como parte integrante de um todo. Quanto a essa questão, Gorman mais uma vez cita que

Esse princípio permite e requer que o intérprete teológico pergunte sobre o papel que um texto desempenha no Cânon como um todo, e entendido teologicamente não como uma coleção arbitrária, mas como um conjunto divinamente orquestrado que revela a história e o drama da salvação (2017, p.175).

No contexto canônico se faz necessário pensar no texto bíblico alvo do estudo como uma porção que apresenta relações com demais textos sagrados e que se encontram inseridos dentro de um documento mais amplo chamado Bíblia. Dessa

forma, buscando compreender o significado do texto em questão e a conexão com as Sagradas Escritura como um todo, de acordo com Gorman (2017, p.99), evocam-se algumas perguntas como "Com quais outras passagens bíblicas ou temas seu texto se harmoniza ou se relaciona?" ou "Qual é, especificamente, a relação (caso exista) entre esse e outros textos no outro Testamento (Antigo ou Novo)?"

Ao se analisar essas questões e colocar textos relacionados em diálogo uns com os outros, verificam-se suas conexões por meios de citações, alusões ou ecos. Nesse contexto, o autor do texto traz, no versículo 1 do Salmo 22, a seguinte escrita: "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste? Por que se acham longe de minha salvação as palavras de meu gemido?".

O texto de Salmo 22.1 é citado parcialmente em Mateus 27.46. Também no Evangelho de Mateus se observa que "Por volta de três horas da tarde, Jesus clamou em alta voz, dizendo: - *Eli, Eli, lemá sabactani?* – Isso quer dizer: "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?". Tal citação do Salmo 22.1a idêntica a citação no Evangelho de Mateus estreita uma relação veemente entre o sofrimento de salmista e Jesus. Com relação a essa relação entre as exclamações de angústia, Wright afirma que

Jesus citou o primeiro versículo do Salmo 22 na cruz: "Meu Deus! Meu Deus! Por que me abandonaste?". Fica claro que Jesus se sentia na mesma situação que Davi em sua aflição. Seus sofrimentos poderiam ser descritos da mesma maneira, sobretudo nos versículos 6–18. Por isso, Jesus exclamou as palavras de abertura do salmo, como se estivesse dizendo: "Estou exatamente na posição de tudo que esse salmo diz". Por esse motivo, com frequência, o salmo tem sido considerado profético — apontando para o sofrimento do Messias e, em especial, para a cruz (2018, p. 225).

Percebe-se de forma notória a conexão entre a poesia hebraica destacada no Salmo 22 e a narrativa da crucificação de Jesus, entre o salmista e a pessoa de Jesus crucificado. Tal análise teológica a partir do contexto canônico apresenta o diálogo entre o bramido de angústia de Davi e Jesus, diante do sentimento de abandono de Deus compartilhado por ambos. No que diz respeito a esse tema, Wright escreve:

Ele foi escrito originalmente por alguém que estava sofrendo muito e que descreve seu sofrimento por meio de uma série de imagens, sobretudo metafóricas. Ele está cercado por inimigos que o atacam (v. 12–13,16). Sente-se paralisado pelo medo (v. 14). Não pode falar em sua defesa (v. 15). É como se estivesse amarrado ao chão, sem poder se mover (v. 16b). Ele se sente vulnerável e exposto à vergonha pública (v. 17). É tratado como se já estivesse morto e seus bens fossem a leilão (v. 18). Algumas das imagens que o autor do Salmo 22 usou para descrever seu sofrimento se tornaram

vívida e literalmente reais na experiência de Jesus (sede, perfuração e a divisão de suas roupas). Mas outras não (touros, leões e cães). Portanto, devemos considerar esse salmo uma descrição extraordinariamente vívida e perceptiva do sofrimento — um sofrimento que Jesus suportou infinitamente mais que o autor original.

Sem dúvida em ambos os contextos, tanto do Salmo 22 como na crucificação de Jesus, uma dor enorme seguida de um grito de angústia. Tais sofrimentos dolorosos são citados por Selderhuis, George e Manetsch (2018, p. 210) quando afirmam que:

Muitas palavras se encaixam mais na história de Cristo do que na de Davi. No entanto, Davi também sofre situações parecidas e não contestometiculosamente a acomodação de cada palavra específica. Basta saber que, resumindo, aqui a paixão de Cristo e suas vitórias são descritas. E Davi não deve ser excluído, porque é um tipo de Cristo. Esses são os sofrimentos mais dolorosos porque ele questiona por que foi abandonado por Deus e não foi liberto como os pais – como Abraão, Jacó e José –, que foram libertos para não serem mortos (2018, p. 210).

Há um grito de angústia diante do abandono de Deus. Esse grito se dá proveniente do sentimento brotado no coração do homem que sente a inadvertência da parte de Deus para consigo. Os textos (Salmo 22, Mateus 27.46 e Marcos 15.34) e os personagens envolvidos (salmista e Jesus) desempenham papel fundamental tanto no aspecto profético – uma vez que há um apontamento claro de Jesus para o Salmo 22 - como na congruência do sentimento de desamparo vivido e expresso por um bramido.

### **1.1. Deus meu, Deus meu**

As palavras do Salmista e posteriormente de Jesus representam o sentimento de alguém habituado com a Presença. O bramido desferido “Deus meu, Deus meu” (Sl 22.1a), “*Eli, Eli*” (Mt 27.46) e “*Eloí, Eloí*” (Mc 15.34) embora apresentando suas peculiaridades linguísticas tem em comum o conteúdo ansioso e afliito em busca de Deus que ali parece não poder ser encontrado. Embora o salmista tenha passado por aflições, o que gerou o grito de angústia de um coração desamparado, de forma alguma podemos compará-lo ao sofrimento de Cristo Jesus na cruz.

No que diz respeito a essa angústia e pavor expressa por Jesus, um homem que foi altamente oprimido, Ryle (2018, p.351) escreve que “As palavras foram ditas para exprimir a incrível pressão que havia sobre a sua alma e a enorme carga dos pecados do mundo”. Cabe ainda ressaltar que o clamor reportado por Mateus e Marcos durante

a crucificação de Jesus aponta para a morte substitutiva do Cristo. Quanto a isso, Ryle ainda escreve:

Elas foram ditas para mostrar como Jesus foi, verdadeira e literalmente, feito nosso substituto; como ele foi feito pecado e maldição por nós, suportando sobre si mesmo a ira justa de Deus contra os pecados do mundo (2018, p. 351).

Referindo-se ainda especificamente a respeito de Jesus no seu clamor “*Eli, Eli*”, não é possível mensurar racionalmente tamanho sofrimento, dor e aflição. Selderhuis, George e Manetsch fazem a seguinte afirmação:

Observe que aqui a expressão triste de Cristo: “Deus meu, Deus meu”, revela a condição natural de seu sentido carnal, que luta contra os pregos, as chicotadas e coisas semelhantes, por serem prejudiciais a si mesmo. Do mesmo modo, revela a condição natural de sua mente racional, que luta contra a desgraça, o desprezo e coisas parecidas. Mas como essa expressão é de surpresa, revela o excesso de seu sofrimento, que ultrapassa a razão humana, mesmo considerando a salvação da raça humana, que foi alcançada por meio desse sofrimento (2018, p.211).

O fato é que, seja pela boca do salmista, cuja aflição sobressaia o entendimento humano, seja por meio do clamor de Jesus, o grito Deus meu, Deus meu não encontrou amparo no céu. O sentimento de abandono foi completo, uma vez que a insuportável violência sofrida foi permitida e cujo Amparo não manifestou poder.

## 1.2. Por que me desamparaste

Dentro dessa análise do contexto canônico, observa-se o grito de angústia proveniente do sentimento de desamparo de Deus. Tanto o salmista quanto Jesus, nessa interlocução, expõem o vazio da alma e o coração aflito diante do desamparo. O salmo 22.1 relata, em consonância com o Evangelho de Mateus 27.46 e Marcos 15.34 um bramido decorrente do abandono. Nesse aspecto, Selderhuis, George e Manetsch citam o Cardeal Cajetan que escreve:

Observe que aqui a expressão triste de Cristo: “Deus meu, Deus meu”, revela a condição natural de seu sentido carnal, que luta contra os pregos, as chicotadas e coisas semelhantes, por serem prejudiciais a si mesmo. Do mesmo modo, revela a condição natural de sua mente racional, que luta contra a desgraça, o desprezo e coisas parecidas (2018, p.210).

Não há dúvida que, tanto o salmista quanto Jesus, passaram por aflições terríveis que resultaram nesse grito aflito de alguém que foi tomado pelo desamparo.

No contexto canônico, analisando o diálogo entre o clamor do salmista e o bramido de Jesus, não fica claro qual a circunstância enfrentada pelo salmista. Por outro lado, no que se refere ao clamor do abandono apregoado por Jesus na cruz, a realidade era de uma cruz, pregos, lança, desprezo, violência e zombaria.

A Bíblia relata que “a partir do meio-dia, houve trevas sobre toda a terra até as três horas da tarde (Mt 27.45). Face a essa “escuridão” e em meio ao desamparo, Hendriksen (2014, p.708) relata que “A conexão entre a escuridão e o brado de Jesus é estreita: a primeira é um símbolo do conteúdo agonizante do segundo”. O autor da traz ainda o fato de que “por volta das três da tarde, Jesus clamou em alta voz, dizendo: - *Eli, Eli, Iemá sabactani?* Isso quer dizer: Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste? (Mt 27.46). A alma aflita buscou por amparo, mas encontrou abandono.

Tal escuridão literal, resultado possivelmente de um eclipse, traz a realidade de uma escuridão mais profunda, essa na alma. Com relação a essa dor do abandono, imensurável para qualquer ser humano “normal”, sentido e vivido por Jesus, Jones afirma que

Só uma pessoa entendeu as palavras proferidas por Cristo na cruz: “Eli, Eli, Iamá sabactâni? O que quer dizer: Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” (Mt 27.46). Essa pessoa foi o próprio Cristo. Às outras resta darmos o melhor para compreender o grito que rompeu o céu e derreteu o coração de Deus. Todavia, estamos tão longe de entender o fardo colocado sobre ele: mais pesado que dez mil cruzes e que fez com que ele rompesse nesse alto grito de desamparo (2018, p. 206).

Embora tal dor tenha sido imensurável, sabe-se de um plano traçado desde a eternidade para a redenção da criação. Jones (2018, p.206) afirma que “nesse tenebroso abandono, Cristo ainda, com fé, confiou-se ao Pai e descansou nas promessas”. O ser humano também, na convicção da consumação da obra perfeita de Jesus na cruz, caminha com confiança certos de que tal abandono se fez necessário para o acolhimento junto ao Pai.

## 2. ANÁLISE TEOLÓGICA

Uma vez que a leitura do Salmo 22.1 em consonância com Mateus 27.46 e Marcos 15.34 se dá na perspectiva cristã, com a intenção de oferecer uma interpretação teológica, torna-se interessante a ampliação da pesquisa além do contexto histórico e literário, nesse caso, o contexto canônico acima analisado. Tal

afirmação não elimina o valor dos demais cenários, mas sim estende o horizonte interpretativo do texto em questão, colocando o texto em diálogo com os demais escritos, tanto os veterotestamentários quanto os neotestamentários.

Por certo, são relevantes as diferenças presentes na narrativa acerca da crucificação de Jesus feita pelos Evangelistas e a escrita poética do Livro de Salmos. Com suas particularidades temporais, uma escrita complementa a outra no sentido de compreensão das perícopes (Sl 22.1; Mt 27.46; Mc 15.34) e exercem seu papel na totalidade revelada. Foi isso que aconteceu com o quadro da crucificação de Jesus relatado por Mateus e Marcos, que citaram o bramido angustiado de Jesus de diferentes formas, apontando esse evento para o Salmo 22. Quanto a isso Fee e Stuart afirmam:

Havia o empenho existencial de repetir essa história para atender as necessidades de comunidades posteriores que não falavam aramaico, mas grego, e que não viviam num âmbito rural, agrícola e judaico, mas sim em Roma, ou Éfeso, ou Antioquia, onde o evangelho se circunscrevia a um ambiente urbano e pagão (Fee; Stuart 2011, p.156).

Ao se analisar o grito de angústia de Jesus, sob a ótica das narrativas distintas, busca-se complementar as informações descritas ora pelos evangelistas, ora pelo salmista. Tal justificativa busca colocar os textos em paralelo, não se resumindo apenas em completar lacunas. Tal comparação auxilia na compreensão dos cenários distintos da aflição do salmista e de Jesus.

Dentro de uma análise teológica, trazendo os ensinamentos do cenário descrito pelo qual o salmista e Jesus passaram, guardadas as devidas proporções e relevância, busca-se aproximar a realidade dos textos para o leitor da Bíblia do século XXI. A fim de trazer as aplicações do “abandono de Deus” para os nossos dias, Pratt Jr afirma:

O tema de abandonar a Deus continua a desdobrar-se no Novo Testamento. O reino de Cristo começou com abandono, quando Jesus clamou: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” (Mt 27.46; Mc 15.34). Absorvendo o julgamento completo pelos pecados de seu povo, Cristo foi abandonado por Deus e lamentou penosamente. Entretanto, Deus não abandonou Cristo na sepultura, mas o levantou vitorioso pela ressurreição (At 2.27–31) (2008, p. 60).

Quanto ao evento da crucificação, cruel e violento, que tem como ponto alto o clamor em alta voz do Cristo (Mt 27.45) levou o próprio Deus encarnado a morte na

cruz. Cabe ressaltar ainda que a morte de Jesus em Jerusalém não foi accidental ou aleatória. Havia ali um propósito eterno a ser cumprido. Carson afirma:

O contraste entre o que Jesus acabara de predizer que seria seu destino (Mt 16.21) e essa visão gloriosa faria, um dia, os discípulos de Jesus se maravilhar com a humilhação de si mesmo que o levou a cruz e a deslumbrar um pouco do alto ao qual ele seria levantado por meio de sua ressurreição e ascensão vindicativas (2010, p. 451).

Ainda a respeito do propósito a ser cumprido por Jesus por meio da Sua morte na cruz e testificado pelas palavras do próprio Jesus quando disse “está consumado” (Lc 19.30). O anúncio e consumação da morte de Jesus mostra que tudo o que ocorreu no Gólgota não foi um acidente. Porém, mesmo se cumprindo um propósito divino, a dor e o sofrimento da cruz anunciado por um grito de angústia se apresenta inexorável.

## 2.1. Um grito de angústia

O grito de angústia, expresso primeiramente pelo Salmista no Salmo 22,1 e ratificado por Jesus, cumprindo a Palavra profética declarada cerca de dez séculos antes. Um grito que expressa o sofrimento de Jesus diante da violência da crucificação e do abandono sofrido. Outros textos neotestamentários apresentam o sofrimento de Jesus como um sofrimento que se apresenta como primícia diante da aflição que alcançaria também seus discípulos. O autor da primeira carta de Pedro relata:

Amados, não estranhem o fogo que surge no meio de vocês, destinado a pô-los a prova, como se alguma coisa extraordinária estivesse acontecendo. Pelo contrário, alegrem-se na medida em que são coparticipantes dos sofrimentos de Cristo, para que também, na revelação de sua glória, vocês se alegrem, exultando (1 Pd 4.12-13)

O autor da escrita da primeira carta de Pedro, especialmente nos versículos citados anteriormente, dá ênfase ao sofrimento que os cristãos haveriam de passar. A igreja do primeiro século entendia que os sofrimentos faziam parte de sua vida, a partir do momento que decidiam viver o cristianismo embrionário que surgia naquele momento da história. Como cita Feldmeier (2009, p.24) “Sofrimento é consequência da pertença à comunidade dos eleitos e significa prova; no sofrimento, os cristãos participam do sofrimento de Cristo, recebendo assim também participação em sua glória”.

O autor da primeira carta de Pedro, dentro dos seus cinco capítulos, trata dos sofrimentos que se apresentam aos cristãos durante sua vida terrena. Com o

propósito de encorajar os cristãos, a escrita retrata o entendimento da mensagem da cruz, tratada de forma enfática pelo Ministério de Jesus.

Esse tema é enfatizado desde o Antigo Testamento e destacado pelo Apóstolo Pedro. Keener vai afirmar que o sofrimento sofrido por Jesus traria aflição e dor àqueles que decidissem seguí-lo. Ele escreve:

Segundo o Antigo Testamento (Dn 12.1,2) e grande parte da tradição judaica, o povo de Deus haveria de sofrer muito na iminência do fim dos tempos. Depois disso, os perversos seriam julgados. A tradição judaica com frequência enfatizava que os justos experimentam os seus sofrimentos nessa era, mas os iníquos os experimentarão na era vindoura (2018, p. 819).

Desta forma, sendo o sofrimento algo presente na mente dos judeus, e o ocorrido no Gólgota retratou de forma antecipada que a união com Cristo também viria acompanhada de sofrimentos. O fato é que o sofrimento não foi em vão, uma vez que havia um propósito a ser cumprido, mesmo em meio a dor e ao sentimento de abandono passado pelo Salmista e por Jesus.

## 2.2. Sofrimento e desamparo

No que diz respeito ao desamparo pelo qual passou o Filho, fica claro que ao longo das 3 horas que precederam a morte de Jesus, as trevas do abandono cercaram Jesus. Hendriksen (2010, p. 567) afirma que “Nos Evangelhos, o que aconteceu entre meio-dia e quinze horas é um hiato silencioso. Tudo o que sabemos é que durante essas três horas de trevas intensas Jesus sofreu agoniás indescritíveis.” O fato é que a dor da cruz e do abandono cercaram Jesus de todos os lados.

Jesus estava no Gólgota carregando os pecados da humanidade. Hendriksen cita que Jesus “estava sendo “feito pecado” por nós (2Co 5.21), “uma maldição” (Gl 3.13). Ele estava sendo “ferido por nossas transgressões e moído por nossas iniquidades”.

Tal abandono na cruz diante da queixa de Jesus não foi total e nem definitivo. A separação momentânea se deu pelo fato Dele carregar sobre si as nossas transgressões. Pratt Jr afirma:

O tema de abandonar a Deus continua a desdobrar-se no Novo Testamento. O reino de Cristo começou com abandono, quando Jesus clamou: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” (MATEUS 27.46; MARCOS 15.34). Absorvendo o julgamento completo pelos pecados de seu povo, Cristo foi abandonado por Deus e lamentou penosamente. Entretanto, Deus não

abandonou Cristo na sepultura, mas o levantou vitorioso pela ressurreição (At 2.27–31) (2008, p. 60).

No que tange o tema sofrimento de Cristo, o apóstolo Paulo escreveu aos Filipenses: “O que eu quero é conhecer Cristo e o poder da sua ressurreição, tomar parte nos seus sofrimentos e me tornar como ele na sua morte, para, de algum modo, alcançar a ressurreição dentre os mortos” (Fp 3.10-11). Tal afirmação do Apóstolo Paulo – que apesar de não ter participado do ministério público de Jesus - reflete sua decisão de seguir Aquele que o chamou no caminho de Damasco, participando do seu sofrimento para alcançar a Sua glória.

A exposição de Jesus na cruz do calvário produziu marcas eternas para o corpo de Cristo. No caso específico de Paulo, o apóstolo comprehendeu que devemos estar prontos para viver o que for preciso para mantermos nossa união com Cristo.

Martin (1985, p. 148) afirma que “Paulo enfrenta isso com uma declaração cheia de força, de que o único meio de obter o poder da sua ressurreição é pela prontidão em ter a comunhão dos seus sofrimentos e, assim, tornar-se com ele na sua morte”. Esse é o chamado de Deus para sua Igreja: mesmo diante do sofrimento e do aparente abandono, se faz necessária a convicção da Presença e do Poder infalível nos amparando, sabendo que assim como Cristo padeceu e ressuscitou, assim também será com aqueles que desejam segui-lo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Lendo os relatos do sofrimento de Cristo expresso pela dor física visível na cruz e pela dor imensurável do abandono, conclui-se que ninguém além Dele foi capaz de dimensionar tamanho sofrimento e aflição. O brado “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” (Mt 27.46; Mc 15.34) reflete muito mais do que uma falta de auxílio ou desilusão pelo desamparo. Jones afirma:

Só uma pessoa entendeu as palavras proferidas por Cristo na cruz: “Eli, Eli, lamá sabactâni? O que quer dizer: Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” (Mt 27.46). Essa pessoa foi o próprio Cristo. Às outras resta darmos o melhor para compreender o grito que rompeu o céu e derreteu o coração de Deus. Todavia, estamos tão longe de entender o fardo colocado sobre ele: mais pesado que dez mil cruzes e que fez com que ele rompesse nesse alto grito de desamparo (2018, p. 206).

As palavras proféticas do Salmista replicadas por Jesus na cruz falam de alguém que passou por um desamparo dolorido. O amparo e presença desde a

eternidade foram substituídos por um vazio e por um peso esmagador da iniquidade sobre seus ombros.

A obra de Jesus na cruz foi completa. O abandono e o sofrimento não foram capazes de frear o cumprimento cabal dos planos divinos. Jesus tabernaculou entre os homens com um propósito específico. O plano perfeito de Deus estava se tornando pleno. As conexões entre o texto poético do salmista e as palavras do Messias convergiram na plenitude dos tempos e Nele as Escrituras se cumpriram.

Assim sendo, desenvolveu-se o diálogo entre as citações do Salmista, referidas a Davi (Sl 22.1) e as declarações idênticas (v.1a) atribuídas a Jesus. Nessa harmonização, tendo como base o sofrimento humano e o abandono que atingiu o salmista e o próprio Cristo, percebeu-se o cálice do sofrimento sendo bebido pelo próprio Deus em favor da humanidade.

## REFERÊNCIAS

- BÍBLIA.** Versão Nova Almeida Atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.
- GORMAN, Michael J. **Introdução à exegese bíblica.** Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2017.
- HENDRIKSEN, William, **Comentário do Novo Testamento – Efésios e Filipenses.** São Paulo: Cultura Cristã, 1992.
- CALVINO, João. **Salmos.** São José dos Campos: Fiel, 2012.
- SELDERHUIS H. J., GEORGE, Timothy F., MANETSCH Scott M. **Salmos 1–72. Comentário bíblico da Reforma.** São Paulo: Cultura Cristã, 2018.
- HARMAN, Allan. **Salmos.** São Paulo: Cultura Cristã, 2011.
- RYLE, J. C. **Meditações no Evangelho de Mateus.** 2. ed. São José dos Campos: FIEL, 2018.

WRIGHT, Christopher J. H. **Como pregar e ensinar com base no Antigo Testamento.** São Paulo: Mundo Cristão, 2018.

HENDRIKSEN, William, **Marcos.** 2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2014.

HENDRIKSEN, William. **Mateus.** São Paulo: Cultura Cristã. 2010. Vol. 2.

JONES, Mark. **O conhecimento de Cristo.** Brasília: Editora Monergismo, 2018.

PRATT JR, Richard L. **1 e 2 Crônicas.** Comentários do Antigo Testamento. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.